

# O CRIME RONDA AS UNIVERSIDADES

**VIOLÊNCIA VIRA ROTINA** no entorno das faculdades e até mesmo dentro dos principais campi da Região Metropolitana de Porto Alegre

**CAETANNO FREITAS**

caetano.freitas@zerohora.com.br

**HUMBERTO TREZZI**

humberto.trezzi@zerohora.com.br

Escruidão, medo e assaltos fizeram parte do cotidiano dos principais campi universitários da Região Metropolitana de Porto Alegre ao longo do ano. Foi o que constatou Zero Hora ao percorrer, durante três noites, no último semestre, as maiores universidades do principal núcleo urbano gaúcho. De cada 10 pessoas entrevistadas, pelo menos duas admitiram ter sido roubadas ou assistido a ataques de ladrões. Os estudantes viraram uma espécie de caixa-rápido.

Ao fim de mais um período letivo, os relatos dos alunos evidenciam um problema sério e muito grave, que deve ser enfrentado pelas instituições de Ensino Superior e por órgãos públicos de segurança com mais veemência a partir do próximo semestre. São casos de violência no entorno de áreas desprotegidas que deixam jovens à mercê de assaltantes e colocam milhares de vidas em risco.

Há um denominador comum: os ataques ocorrem, sobretudo, em áreas mal-iluminadas e quase sempre quando a vítima está sozinha e distraída. Zonas de sombra não faltam nos campi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e UniRitter.

No Campus do Vale da UFRGS, por exemplo, a estrada que passa sobre uma represa e que leva ao Instituto de Pesquisas Hidráulicas é um breu.

– Parece um lugar mal-assombrado – descreve a estudante de Química Victória Isoppo, 20 anos, que conhece três jovens assaltadas naquele local.

O ladrão, segundo ela, ameaçou as estudantes com um facão “daqueles de cortar cana”:

– Na região, os guardas ficam numa guarita só até as 17h. Depois disso, a gente não vê mais eles.

ZH verificou que a região é escassamente guardada. Mas não somente nessa parte do Campus do Vale. No outro lado, mais a oeste, uma parada de ônibus fica isolada em meio a uma estrada, distante de qualquer prédio. “Convite a um assalto”, define um estudante que desistiu de pegar transporte público no local.

## LADRÕES INGRESSAM EM ÔNIBUS PARA SEGUIR ESTUDANTES DA UFRGS

Outro fenômeno que ocorre no Campus do Vale é o dos ladrões que ingressam nos ônibus para assaltar os alunos que saem da universidade. Eduardo Scapini, estudante de Filosofia da UFRGS, foi assaltado logo após ingressar no T8 da Carris, ao final de uma aula noturna.

– Eram dois sujeitos, cuidaram quem ia descer. Desci na Avenida Bento Gonçalves, logo após sair do campus. Os dois me seguiram e me “calçaram” com uma faca. Levaram o celular e algum dinheiro. Sei de vários colegas que sofreram isso – relata Scapini.

A situação dos campi Saúde-Comunicações, próximo à Rua Ramiro Barcelos, e Centro, entre a Avenida João Pessoa e a Rua Sarmiento Leite, não é diferente, e os relatos de assaltos incluem violência física (leia as histórias ao lado).



Passeata realizada em novembro pediu por mais segurança no entorno da Unisinos, em São Leopoldo

Pontos de ônibus do Campus do Vale da UFRGS estão entre os mais visados pelos criminosos

## Bequinho próximo a Campus Centro da UFRGS é mal-iluminado

No Centro, em meia hora, ZH conversou com 10 pessoas que foram assaltadas na entrada ou na saída da UFRGS. Em alguns casos, durante o dia. Caroline Matei, estudante de Pedagogia, foi vítima perto do meio-dia, embaixo do viaduto. A garota tinha saído da aula e caminhava na calçada próxima à Faculdade de Arquitetura, rumo ao viaduto, quando foi seguida por dois sujeitos.

– Um deles saltou à minha frente, outro ficou atrás. Disseram estar armados, preferi não conferir. Mexeram na minha bolsa, levaram celular, carteira com documentos e R\$ 50. Hoje, ando pelo meio da rua, correndo risco de atropelamento – comenta.

Área próxima a viaduto tem sido relatada como perigosa tanto no período noturno quanto no diurno



Pai de dois estudantes, o professor de Letras aposentado pela UFRGS Gilberto Wallace fala que o filho e a filha foram assaltados no mesmo ponto descrito por Caroline. O rapaz, de 20 anos, e a garota, de 15, tiveram celular e dinheiro levados por ladrões que se diziam armados.

– É sempre no bequinho entre a Sarmiento Leite e a João Pessoa, junto ao viaduto. À noite, tudo ali é mal-iluminado – reclama.

Outro ponto de relatos de terror noturno é a região entre a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) e o campus da Saúde (Odontologia e Medicina), próximo à Rua Ramiro Barcelos. Alunos chegam a formar grupos, para não correrem risco de esperar sozinhos em paradas de ônibus.

Júlia Gonçalves, aluna de Relações Públicas, foi roubada e agredida na rua paralela à Ramiro, a Jacinto Gomes. Eram 21h30min, e um sujeito com “jeito de drogado” a seguiu. Ele simplesmente começou a dar socos na garota e levou dela a bolsa, com documentos, celular e dinheiro.

A professora de Arquivologia Ana Regina Berwanger já foi seguida por um assaltante, mas conseguiu se livrar dele, correndo para um táxi. Foi em frente à Fabico. Depois disso, decidiu liberar os alunos uma hora mais cedo, à noite.

– Tremo de medo ao pensar nos estudantes – resume Ana.

## Universitários se sentem inseguros em estacionamento da PUCRS

Os casos descritos por alunos da maior universidade pública do Estado se somam a fatos que também ocorrem no entorno de instituições privadas de Ensino Superior. Para alunos da PUCRS, a escuridão em acessos laterais, nas ruas Cristiano Fischer e Nelson Duarte Brochado, agrava o perigo, principalmente nos turnos de saída, à noite.

O medo acompanha boa parte dos universitários, principalmente os que saem pelo portão localizado na Avenida Bento Gonçalves. A região tem pelo menos dois bares que são muito frequentados por estudantes de todos os cursos. Algumas pessoas estacionam ao redor dos estabelecimentos para não pagar pelo estacionamento da PUCRS, expondo-se ainda mais ao risco de ruas sem a segurança adequada.

– Já fui assaltado na rua de trás. Acontece com frequência porque não tem muita segurança – diz o estudante de Direito Eduardo Cavalheiro, 19 anos.

Carla Cristina Oliveira, 26 anos, também estudante de Direito, relata que chegou a presenciar até mesmo tiroteios e perseguições policiais na mesma saída:

– Uma vez, estava na parada de ônibus, na porta da PUC, e ocorreram tiroteios. Aí a gente teve de voltar correndo para a universidade, onde pelo menos tem segurança. O acesso principal, na Ipiranga, também

tem problemas de assaltos, segundo relatos de alunos entrevistados. Luiza Pontalti, 21 anos, estudante de Química, conta que já foi roubada a poucos metros da universidade. Zero Hora também verificou insatisfação geral dos estudantes em relação à falta de vigilância nos estacionamentos. A segurança da área é de responsabilidade da universidade, apesar de o serviço ser prestado e gerenciado pela Safe Park.

– Toda semana tem amigos que entram, chegam ao estacionamento, vão pegar a mochila e um cara aborda: “Deixa tudo aí dentro e me dá tua carteirinha para eu poder sair” – conta Carla Cristina.



Na PUCRS, alunos reclamam do perigo não apenas em acessos laterais, mas também nos principais

## Medo ao redor da Unisinos

Bares ao redor da faculdade e a procura por vagas para estacionar fora da instituição também fazem parte da rotina de universitários da Unisinos, em São Leopoldo. E foi justamente a junção desses dois fatores, agravados pela insegurança no entorno do campus, que levaram à morte de Frederico Colnaghi de Almeida, 22 anos, vítima de latrocínio na noite de 5 de novembro. Estudante de geologia, ele foi baleado com três tiros no tórax quando se preparava para entrar no carro depois de sair de um bar, na Rua Padre Luiz Gonzaga, em frente ao campus central. Um dia depois do crime, três jovens foram presos, e a polícia conseguiu recuperar o veículo roubado.

Uma semana após a morte de Frederico, centenas de alunos da Unisinos fizeram uma passeata por mais segurança. Familiares e amigos do estudante vestiram camisetas pretas, encheram balões brancos e ergueram cartazes durante a manifestação pedindo “mais amor, menos violência”.

A estudante de Direito Luciana Justin, 25 anos, lembra um sequestro-relâmpago sofrido por um casal de amigos na parada de ônibus da universidade:

– Todo o entorno da Unisinos é inseguro. Tive um amigo que foi sequestrado com a namorada dentro do carro, com arma na cabeça.

## Convívio com o tráfico na região da UniRitter

Se a criminalidade age pela conveniência e vulnerabilidade de determinados locais e pessoas, a região da UniRitter, no bairro Alto Teresópolis, tem uma localização “privilegiada”. Próxima à Vila Cruzeiro, área conflagrada pelo tráfico de drogas, a Avenida Orfanotrófio, principal via de acesso dos estudantes, vira um ambiente perigoso e hostil à noite, especialmente para quem depende do transporte público.

Casos de arrastões em ônibus motivaram um protesto de alunos amedrontados com a violência na porta da universidade. A iluminação fraca, assim como nas outras instituições visitadas por Zero Hora, é uma aliada do crime.

– O que está acontecendo são os arrastões nas paradas, com moto ou carro, descendo pessoas armadas e assaltando na parada e dentro do ônibus – relata Renata Silva, 24 anos, estudante de Engenharia Civil.

– É uma coisa que está ficando muito frequente. Ninguém tem segurança. Todo mundo anda com medo aqui. A gente vem estudar com medo – reforça Analisa Costa, 19 anos, que cursa Relações Públicas na UniRitter.

## ALUNOS TAMBÉM RECEIAM ASSALTOS DENTRO DA INSTITUIÇÃO

Os arrastões, ocorridos em outubro, foram presenciados por diversas pessoas, entre elas Juliana Preto, 21 anos, estudante de Jornalismo.

– Um carro parou, quatro caras saíram armados e fizeram um arrastão com todo mundo que estava na parada. Aí o pessoal que não havia chegado viu o que estava acontecendo e começou a correr para evitar o pior – conta.

O receio dos estudantes da UniRitter não é só na área externa. Dizem que se sentem inseguros até dentro do campus.

– Além do fato de ter o perigo na parada e no trajeto do ônibus até o Centro, principalmente saindo aqui da Ritter, ainda tem o perigo de ser assaltada até dentro da faculdade, porque eles (a UniRitter) não têm um controle de quem entra e de quem sai da faculdade – diz a estudante de Engenharia de Produção Bianca de Castro, 20 anos.



Arrastões foram relatados em parada da Orfanotrófio